



## Verbetes toponímico: microestruturas para hidrônimos

### *Toponymic entry: Microstructures for hydronyms*

Ana Claudia Castiglioni

Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, Tocantins / Brasil

anacastiglioni@hotmail.com

**Resumo:** O objeto de estudo da Toponímia são os topônimos, analisados sob diferentes perspectivas, como a sua origem, sua significação, sua transformação, sua classificação taxionômica. Neste artigo será apresentada a proposta de três modelos de microestrutura para verbetes toponímicos a partir dos pressupostos teóricos da Toponímia e da Terminologia: um para verbetes cujas entradas designam conceitos relativos a elementos hidrográficos e a conceitos-chave do conjunto toponímico, outro para a constituição dos verbetes que têm como entradas os sintagmas toponímicos e um terceiro remissivo. O *corpus* que serviu como base para formulação dos modelos foi o repertório das unidades léxicas que designam o nome dos elementos geográficos referentes à água, *arroio, baía, cabeceira, cabo, cachoeira, canal, catarata, corixão, corixo, córrego, foz, lago, lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta*. Esses hidrônimos foram obtidos no banco de dados do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS. As microestruturas propostas poderão ser opção para subsidiar a elaboração de dicionários toponímicos que, além de registrarem os nomes próprios com sua respectiva localização e causas que motivam a nomeação, também contribuem para o resgate e o registro social, histórico e cultural de uma região.

**Palavras-chave:** Toponímia; Terminografia; topônimos; microestrutura.

**Abstract:** The object of study of Toponymy are toponyms, seen from different perspectives such as their origin, meaning, changes, and categorization. This paper will present the proposal of three microstructure models for toponymic entries based on the theoretical assumptions of Toponymy and Terminography: one for entries whose input word designate concepts related to hydrographic elements and key concepts of the toponymic set, another for the constitution of entries that have as input word the toponymic phrases and a third remissive. The corpus that served as basis for the formulation of the models was the repertoire of lexical units that designate the name

of the geographic elements referring to water, brook, bay, headland, cable, waterfall, channel, cataract, *corixão*, *corixo*, stream, estuary, lake, lagoon, spring, dam, creek, stream, creek, river, *sanga*, ebb and curve. These hydronyms were obtained from the Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS. The proposed microstructures may be an option to subsidize the development of toponymic dictionaries that, in addition to registering proper names with their respective location and causes that motivate their nomination, also contribute to the rescue and social, historical and cultural registration of a region.

**Keywords:** Toponymy; Terminography; toponyms; microstructure.

Recebido em: 10 de dezembro de 2017

Aceito em: 20 de março de 2018

## 1 Introdução

A variedade de nuances significativas que compõem um nome de lugar e a diversificação das informações que podem ser retiradas, após a análise, de um topônimo (DICK, 1992, p. 15) resultou na dificuldade de situar a ciência Toponímia em um ramo do saber, pois para muitos, poderia estar filiada aos estudos de História, Geografia, Ciências Sociais. Contudo, nenhuma das posições dessas áreas tomada isoladamente poderá dar conta de análises toponímicas em seus mais diversos aspectos, uma vez que, conforme explicitado por Dick (1990, p. 16), “[...] é lícito considerar-se a Toponímia, antes de tudo, como um complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”, constituindo, desse modo, a Toponímia, como uma ciência interdisciplinar.

Neste artigo apresentaremos uma proposta de modelos de microestruturas para verbetes toponímicos. A proposta foi elaborada em nossa tese de doutorado quando utilizamos como *corpus* de pesquisa os hidrotopônimos disponíveis no banco de dados do Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul,<sup>1</sup> do qual fazemos parte como pesquisadora integrante. Uma das etapas do projeto é a

---

<sup>1</sup> Projeto em desenvolvimento na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) sob coordenação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo.

constituição de um dicionário de topônimos e em nosso estudo buscamos disponibilizar uma proposta que servisse de base para os dados da região em questão. Na tese desenvolvemos uma macroestrutura organizada a partir de em um sistema conceptual e propusemos três modelos de microestruturas, dos quais trataremos neste trabalho, que poderão ser adequados aos dados do Projeto e também a outros dados toponímicos que possam ser dicionarizados.

O dicionário é instrumento para sistematização do léxico, este podendo ser registrado na sua maior totalidade possível. A produção lexicográfica mais comum é o dicionário geral da língua e é considerado ideal aquele que apresenta a língua em seu uso padrão e coloquial, porque dessa forma torna-se um objeto de registro da linguagem de uma sociedade. Nesse sentido, Biderman (1997, p. 166) observa que

Numa sociedade muito diversificada socialmente como a nossa, estratificada em classes sociais, coexistem variedades diastráticas diversas. Embora o dicionário privilegie a língua escrita, ele deve descrever também os diferentes níveis de linguagem, os registros sociais e, assim, não só identificar o vocabulário e os usos marcados como típicos da linguagem culta e formal, mas também o da linguagem coloquial, apontando os itens lexicais característicos de um uso popular, vulgar, chulo, as gírias e palavras e expressões obscenas. (BIDERMAN, 1997, p. 166)

A análise de um dicionário, confrontando-se, comparando-se o conteúdo de seus verbetes, analisando-se as suas diferenças, evidencia que estes, de certa forma, constroem uma imagem da sociedade, pois registram o momento histórico em que foram elaborados. Em relação a um dicionário toponímico não é diferente e, apesar de pouco comum, é deveras relevante, uma vez que registra, além dos nomes próprios de uma região e sua respectiva localização, causas que levaram os designadores a escolherem determinada palavra para nomear uma localidade, contribuindo, dessa forma, para o resgate e o registro social, histórico e cultural da região.

## **2 O objeto de estudo da Toponímia: o sintagma toponímico**

Partindo da afirmação de Dick (1992, p. 10) para quem, quando um sintagma toponímico atua de forma tanto aglutinada quanto justaposta, os termos que o compõem constituem um bloco único em

torno dos dois elementos, observamos, a partir da análise do *corpus* formado por hidrônimos de todo o estado de Mato Grosso do Sul, que, quando se trata de um enunciado toponímico, entendemos que há um significado que depende de significantes distintos, porém, compondo um mesmo sintagma. É deste modo que visualizamos os topônimos que nomeiam os elementos físicos que analisamos: eles só produzem sentido e atribuem significado enquanto enunciado toponímico, formado por um termo genérico e um termo específico.

O termo genérico, entendido sempre como um termo de uma área de especialidade, no caso de nossos dados, a hidrografia, complementa semanticamente o termo específico, uma vez que, dentro de textos toponímicos, como os mapas e os dicionários, não verificamos ser possível o desmembramento. Não há no contexto do mapa cursos de água identificados somente por um ou outro termo. Os enunciados aparecem completos: “rio da Quitéria”, “córrego do Cupim”, “cabeceira do Mimoso”. Dick (1992, p. 10) chama esta relação entre o termo referente ao elemento geográfico e seu nome de “relação binômica” e “simbiose” formada por uma “entidade geográfica que irá receber a denominação e o outro, o topônimo, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a entre outras semelhantes” (DICK, 1992, p. 10). Quando o elemento físico é representativo, como o rio Paraguai, o rio Paraná, o rio Taquari, o rio Sucuriú, pode ocorrer oralmente a referência somente ao topônimo “Paraguai”, “Paraná”, “Taquari”, “Sucuriú”, contudo, há que acontecer em uma situação comunicativa onde os interlocutores especifiquem que se trata do rio e não do país, do estado, da cidade, dos saltos ou assentamentos cujos nomes receberam a homenagem aos rios.

Como notamos, é a especificação completa do sintagma toponímico que permite atribuir-lhe significado, especialmente porque assim o nome terá seu referente bem delimitado. Além disso, a colocação de uma preposição em um sintagma toponímico indica mais evidentemente a tentativa do nomeador de expressar aspectos particulares e diferenciadores dos outros elementos nomeados. Estes nomes caracterizam-se por serem mais descritivos e então ocorre a necessidade de manutenção do sintagma completo. As preposições promovem, então, a união entre o termo genérico e o termo específico (Ribeirão da Divisa, Ribeirão da Constança, Ribeirão do Garimpeiro). Nada mais natural, uma vez que, encontramos tanto em dicionários como em gramáticas a definição das preposições justamente com a função de indicar subordinação, pertencimento, procedência.

Podemos observar que os sintagmas toponímicos dessa natureza são formados então por dois (ou mais) elementos lexicais e por um elemento gramatical. Ou seja, duas ou mais palavras que remetem ao mundo exterior configurando uma representação da realidade extralinguística e uma palavra com significação interna, que tem a função de estabelecer relações no contexto restrito do enunciado, já que, conforme Neves (2000, p. 601) “as preposições pertencem à esfera semântica das relações e processos e atuam especificamente na junção dos elementos do discurso, isto é, ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam as porções que se sucedem”.

No mesmo sentido da explicação da autora, encontramos em Borba (2003, p. 286) a afirmação de que as preposições “estabelecem relações semânticas de subordinação sintática entre as palavras, tornando-as dependentes umas das outras”. Bechara (2009, p. 313-314) desenvolve explicação a partir da qual podemos supor a existência da preposição estabelecendo uma relação de pertencimento entre o elemento geográfico e o nome próprio, ainda que esta esteja omitida na nomeação, não sendo inserida junto ao elemento geográfico. Podemos perceber essa ocorrência em sintagmas toponímicos como “Arroio Glória”, “Cabeceira Rio Branco”, “Cabeceira Sucuri”. Desse modo, visualizamos que a significância dos topônimos depende do seu contexto no enunciado. Um nome próprio isolado do lugar nomeado não apresenta significado completo. Embora acreditemos que essa característica esteja presente em todos os topônimos de elementos físicos, especialmente pelo contexto onde estão inseridos (mapas, por exemplo), isso é observado mais claramente por meio de sintagmas toponímicos preposicionados quando a relação se dá no nível sintático, conforme explicitado anteriormente.

Nesse particular, Dick não analisa a soldadura do elemento geográfico ao nome próprio a partir de preposições, mas admite que em alguns tipos de nomeações isso pode acontecer:

As expressões onomásticas exerceriam referidas funções desde que seus elementos constitutivos evidenciassem a existência de um vínculo entre elas e o seu referente. Em tais circunstâncias o signo linguístico em função toponímica representaria uma projecção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica ou a transparência do seu significado. Haveria, por assim dizer, uma relação unívoca entre os termos implicados quando traduzem referências de cor, forma, tamanho, constituição natural. (DICK, 1992, p. 18-19)

Apesar de afirmar que “ao designar, o nome próprio de lugar, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao elemento geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto” (DICK, 1992, p. 10), para melhor distinguir seus termos formadores, a autora (1992, p. 13 e 14) separa este enunciado toponímico e classifica somente o nome próprio em simples, composto e híbrido. Então, em relação à composição morfológica, o termo específico, ou seja, o topônimo, pode ser simples, composto ou híbrido. Um termo específico simples é aquele que se faz definir por um só formante, podendo, contudo, s apresentar também acompanhado de sufixações. (DICK, 1992, p. 13). Um elemento específico composto é aquele que se apresenta com mais de um elemento formador, de origens diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo. Os elementos indígenas *mirim* (pequeno) e *guaçu* (grande), por exemplo, apresentam distinções de significado do nome e colaboram com a formação de topônimos compostos como o nome das cidades *Ituguaçu* (salto grande) e *Itumirim* (salto pequeno). Há também as formações compostas que envolvem os nomes sagrados, formações bastante comuns na toponímia brasileira como os elementos humanos *Santo Antonio das Trepes*, *Santo Antonio do Rio Abaixo*, *São Pedro de Ratos* (DICK, 1992, p. 14). Já os elementos específicos híbridos que compõem o enunciado toponímico se formam pela colocação de unidades lexicais provenientes de línguas diferentes em um mesmo designativo. Segundo Dick (1992, p. 15), a formação que mais se generalizou no Brasil foi a composta pela seguinte estrutura: indígena + portuguesa ou portuguesa + indígena e ilustram isso os topônimos de elementos humanos, *Lambari do Meio* e *Marabá Paulista*, dentre muitos outros.

É oportuno ressaltar que a equipe do ATEMS ampliou os itens a respeito da estrutura morfológica considerando a realidade linguística onde estão inseridos os topônimos. A ampliação proposta no Projeto é em relação ao elemento específico híbrido, que se torna uma uma subclassificação tanto para simples como para composto. Por exemplo, o topônimo *Rio Félix Cué*, é entendido como um composto híbrido, por ser constituído por dois estratos linguísticos, um da língua portuguesa e outro da língua guarani. Já o topônimo *Córrego Pirizal* é classificado como simples híbrido por ser formado por um morfema com origem na língua tupi e um sufixo de origem portuguesa.

A estrutura do topônimo, particularmente a natureza linguística do termo específico, abordado no plano sincrônico, dá suporte à investigação

das causas motivadoras, organizadas em categorias taxionômicas, dentre outras, a formulada por Dick (1992) adotada como base metodológica em nossa pesquisa. A autora apresenta as taxionomias a partir de dois aspectos: natureza física e natureza humana. No âmbito deste trabalho são apresentados verbetes cujas entradas se referem à topônimos de natureza física com nomes relacionados à água, *hidrotopônimos* – Rio Aporé e Rio Apa – à escala cromática, *cromotopônimo* – Rio Branco e um nome relacionado à vegetação, *fitotopônimos* – Arroio Curupaí e também topônimos de natureza humana: Arroio Corá, um *ergotopônimo* que é classificado assim porque o nome está relacionado à cultura material e Rio Betione, um *antropotopônimo* relacionado a um nome próprio de pessoa.

### **3 Modelos de microestrutura para verbetes toponímicos**

A busca da Terminografia como base para a elaboração de uma microestrutura para dicionário toponímico é a consideração, por parte desta ciência, do contexto como fator determinante para exprimir as características que compõem um termo. O contexto é definido por Barros (2004, p. 109) como o enunciado onde o termo estudado encontra-se atualizado. Para a constituição do dicionário toponímico aproveitamos o que a autora citada explica como sendo o contexto enciclopédico, essencial para a elaboração de dicionários enciclopédicos e caracterizado como elemento que “veicula dados de natureza extralinguística, referencial, histórica, sem agregar definição” (BARROS, 2004, p. 11). Para nossa proposta de dicionário este é um dado fundamental, uma vez que tomamos os sintagmas toponímicos a partir de sua inserção em mapas, e o contexto onde os elementos ocorrem determina as informações geográficas que compõem a microestrutura.

Também ressaltamos como característica própria de propostas terminográficas as informações que compõem os textos dos verbetes que se restringem a oferecer dados específicos ao repertório léxico escolhido, ao contrário do que acontece com a Lexicografia, que busca oferecer no verbete o maior número de informações e significações possíveis para uma unidade léxica. Nesse sentido, os verbetes toponímicos propostos neste artigo também não pretendem ser exaustivos e, sim, oferecer informações relativas aos nomes em relação a seus aspectos motivacionais e enciclopédicos. Este elemento constitutivo encontra suporte nas palavras de Krieger e Finatto (2004, p. 53) quando as

autoras manifestam que “como as obras terminográficas privilegiam as informações sobre o conhecimento especializado, e como tal de natureza extralinguística, diz-se que elas se aproximam das enciclopédias”.

A microestrutura é, segundo Barros (2004, p. 156), a “organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete.” Devemos nos pautar em três elementos para a distribuição dos dados na microestrutura:

O número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminológico; constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra; a ordem de sequência dessas informações. (BARROS, 2004, p. 156)

Baseando-nos nesses elementos que orientam a regularidade, a uniformidade dos verbetes e a natureza das unidades, propomos três tipos de microestrutura: dois principais, um para verbetes cujas entradas designam conceitos relativos a elementos hidrográficos e a conceitos-chave do conjunto terminológico; outro para a constituição dos verbetes que têm como entradas os sintagmas toponímicos. Para estes, nos pautamos também na ficha lexicográfico-toponímica concebida por Dick (2004, p. 131).

Por *verbeta principal* entendemos aquele no qual estão dispostas todas as informações linguísticas e extralinguísticas sobre os termos e sobre os sintagmas toponímicos. Esses verbetes são assim chamados no âmbito deste trabalho por se diferenciarem do terceiro modelo que é remissivo. Como entrada deste último, constam outras denominações dos topônimos que constituem entradas do segundo modelo de *verbeta principal*.

Para melhor compreendermos essas diferenças, apresentaremos, de modo mais detalhado, cada modelo de microestrutura proposto.

### **3.1 Microestrutura dos verbetes cuja entrada é um termo que designa elementos geográficos**

O primeiro modelo de microestrutura proposto tem como principal função descrever os conceitos relativos aos elementos hidrográficos aos quais os topônimos se referem. Dessa forma, o *verbeta* não contempla acepções que não interessem ao significado atribuído ao elemento geográfico em seu contexto hidrográfico.

Os termos que designam os elementos hidrográficos constituem entradas do primeiro modelo de microestrutura. São eles: *arroyo, baía, cabeceira, cabo, canal, catarata, corixo, corixão, córrego, foz, lago,*



*lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta*. Também constituem entradas dos verbetes com essa mesma microestrutura os termos *águas correntes, águas em queda e águas lânticas*, que designam os conceitos-chave que constituem o sistema de conceitos<sup>2</sup> que propomos na mesma pesquisa que originou este trabalho. A estrutura do verbete é composta dos seguintes microparadigmas:

1. *Entrada* + 2. *Informação gramatical (classe gramatical e gênero)* +
3. *Etimologia (fonte da etimologia)* + 4. *Definição (fonte da definição)*
- + 5. *Código no sistema conceptual*

Como exemplo desse modelo de microestrutura tendo como entrada um termo que designa um conceito relativo a um elemento hidrográfico, podemos citar:

**Rio.** *S.m.* Do latim *rivus* (CUNHA, 2007, p. 686). Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale; o rio pode ser definido pelo talvegue, pelas vertentes e pelos terraços. Um rio constitui, por conseguinte, a reunião do lençol de água numa calha cujo declive contínuo permite uma hierarquização na rede hidrográfica. Eles possuem várias cabeceiras que dão origem ao seu curso e recebem vários afluentes. São limitados lateralmente pelas margens e pelas vertentes às quais dão a forma, ou melhor, o tipo do vale. Chegam ao mar, a um lago, desembocado, às vezes, por um longo canal; outras vezes a foz é constituída por uma série de ilhas. No tocante aos elementos que formam os rios devemos considerar as cabeceiras, o álveo com leito menor e o leito maior, margens, afluentes e subafluentes, confluência, foz e seus diferentes tipos, bacias hidrográficas, talvegue e divisor de águas. Os rios e os vários cursos de água de menor importância muito dependem da região que atravessam; assim, o que se chama de rio no sul do Brasil poderá ser na Amazônia um simples igarapé (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 545-546). *Código no sistema conceptual*: 1.2.13

Como exemplo desse modelo de microestrutura tendo como entrada do verbete um termo que designa um conceito-chave, podemos mencionar o de *águas correntes*:

---

<sup>2</sup> Sobre o tema, submetemos artigo intitulado “Sistema conceptual para um dicionário enciclopédico toponímico: proposta de modelo” que está aceito para a publicação no volume VIII da coleção Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.

**Águas correntes.** *S.f.* Do latim *aqua + currens -entis* (CUNHA 2007, p. 23 e 220). Diz-se das águas que se movimentam na superfície dos continentes. Em sentido restrito, usa-se apenas referindo-se aos cursos de água, em oposição às águas tranquilas, que se referem aos lagos. (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 22). *Código no sistema conceptual*: 1.2.

Passamos agora à explicação de cada microparadigma que constitui os verbetes exemplificados.

A *entrada* do verbete, no caso do exemplo *rio*, é o termo que designa o conceito de um dos elementos hidrográficos abordados em nossa pesquisa e consta em negrito seguido de ponto final; *águas correntes* é o termo que designa o conceito-chave que abarca os elementos hidrográficos que possuem essa característica de classificação, como córrego, rio, arroio, corixo etc.

A *informação gramatical* é indicada em itálico e abreviada com as iniciais da classificação: *s.m.* (substantivo masculino), *s.f.* (substantivo feminino). Cumpre ressaltar que a Terminologia normalmente não aceita uma entrada no plural, a não ser que se trate de *pluralia tantem*. No caso dos verbetes cujas entradas são os termos *águas correntes*, *águas em queda* e *águas lênticas* optamos por mantê-los no plural por estes se referirem a mais de um elemento hidrográfico.

A *etimologia* encontra-se logo após a informação gramatical. Nos exemplos escolhidos podemos observar a etimologia da entrada *rio* “do latim *rivus*”, seguida da referência da obra consultada, no caso “Cunha, 2007, p. 686”. A etimologia da unidade léxica *águas correntes*, que constitui a entrada do verbete, é apresentada também seguida da referência da fonte dos dados.

Tanto a informação gramatical quanto a etimologia têm como fontes de consulta as obras: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (NASCENTES, 1955), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007), *Dicionário Eletrônico Houaiss* (HOUAISS, 2009) e *Dicionário Eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2004).

As *definições* não foram redigidas por nós, tendo sido obtidas nas seguintes obras especializadas: *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente* (BRASIL, 2004), *Novo Dicionário Geológico-geomorfológico* (GUERRA; GUERRA, 2011), *Glossário dos Termos Genéricos dos Nomes Geográficos Utilizados no Mapeamento Sistemático do Brasil* (BRASIL, 2010), *Dicionário Eletrônico Houaiss*

(HOUAISS, 2009) e *Dicionário Eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2004). Depois de cada definição é apresentada a referência.

Por fim, a indicação do *código no sistema conceptual* leva o consulente a identificar a localização desse elemento hidrográfico no sistema estruturado de conceitos que compõe a macroestrutura proposta, considerando sua característica de classificação e taxionomia.

Certos termos que designam conceitos relativos a elementos hidrográficos possuem conceitos diferentes conforme a região em que se localizam. Buscamos evidenciar nas definições ao consulente, algumas particularidades que ocorrem no estado de Mato Grosso do Sul em relação à sua hidrografia.

Como exemplo, podemos citar o termo *baía*, que, no Pantanal, tem um conceito diferente do termo *baía* em uma região de litoral brasileiro. Quando nos referimos a esse termo, atribuímos a ele um conceito regional específico: “Na região do Pantanal as baías são imensas lagoas que são separadas por terras altas” (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 79), conceito diferente do atribuído para o termo no contexto nacional “num trecho do litoral, qualquer recôncavo em que se possa aportar” (HOUAISS, 2009).

O mesmo acontece com o termo *corixo* que, segundo o dicionário de Guerra e Guerra (2011, p. 163), é um termo utilizado especificamente na região de nossa pesquisa: “denominação regional do Pantanal, para os pequenos riachos permanentes que ligam as baías”, e com o termo *vazante*, para o qual o mesmo dicionário atribui a seguinte definição: “Termo regional, com ocorrências na região do Pantanal. Denominação dada aos pequenos riachos temporários que ligam as baías, pois os riachos permanentes chamam-se de *corixos*” (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 634).

Optamos por incluir esta microestrutura prevendo um consulente que não seja da área especializada da Geografia e que provavelmente não tenha conhecimento das características que diferenciam o termo “rio” do termo “ribeirão”, ou o termo “lago” do termo “lagoa”, o termo “salto” do termo “cachoeira” etc.

Assim, por meio do primeiro modelo de microestrutura que propomos, o consulente poderá ter acesso tanto aos conceitos regionais designados por alguns termos (*baía*, *corixo* e *vazante*) quanto aos conceitos que elucidam as particularidades de termos cujas características de classificação são as mesmas (rio/ribeirão/ribeira, lago/lagoa, salto/cachoeira/catarata etc).

### 3.2 Microestrutura dos verbetes cujas entradas são sintagmas toponímicos

O segundo modelo de microestrutura de verbetes de nossa proposta foi concebido a partir da ficha lexicográfico-toponímica de Dick (2004, p. 130) e adaptado às necessidades de descrição de dados linguísticos e extralinguísticos dos sintagmas toponímicos do *corpus* e organiza-se da seguinte forma:

*Entrada (sintagma toponímico) + 2. Taxionomia + 3. Etimologia (+ fonte) + 4. Informações enciclopédicas (+ fonte) + 5. Outras denominações + 6. Código no sistema conceptual.*

Todos os microparadigmas que compõem a microestrutura desse modelo de verbete são organizados e representados da seguinte forma:

**Entrada** *Tax.:* *Etim.:* *Informações enciclopédicas:* *Outras denominações:* *Código no sistema conceptual:*

As abreviaturas *Tax.* e *Etim.* representam respectivamente *Taxionomia* e *Etimologia*. Como exemplo desse tipo de microestrutura, apresentamos a seguir, o verbete que traz os dados sobre o Rio Aporé:

**Rio Aporé** *Tax.:* hidrotopônimo *Etim.:* Do tupi, *abá-ry*, rio do índio (TIBIRIÇA, 1985, p. 20). *Informações enciclopédicas:* “O rio Aporé nasce bem próximo de Capela e serve de limite para o nosso estado (Mato Grosso do Sul) com Goiás, desde a sua cabeceira até sua foz no rio Paranaíba” (RONDON, 1970, p. 42). “Não há dúvida que Anhanguera percorreu o Paranaíba, rio Aporé e daí descambando para o Araguaia e Tocantins” (CUNHA, 1988, p. 91). “A região compreendida pelos rios Aporé, Paranaíba, Paraná, Pardo, Camapuã, Coxim e Taquari, com vegetação mais densa nos vales e cerrados nas partes mais altas, era ocupada, no século 18, pelos Caiapós, perseguidos desde Goiás até Camapuã, nos meados daquela centúria pelo temido Pai-Pirá” (CAMPESTRINI, 2002, p. 17). “Pousamos em um chapadão que se avista o céu e o campo em qualquer parte que se está, de tão plano cansa os olhos. Andamos rumo ao poente e pousamos na vertente do rio do Peixe” (REVISTA DO IBGE, 1998, p. 57). O rio Aporé localiza-se na microrregião de Cassilândia, nasce no município de Costa Rica, banha os estados de Goiás e de Mato Grosso do Sul, fazendo a divisa natural entre estes dois estados e desemboca no rio Paraná. A principal cidade em sua margem direita é a cidade sul-mato-grossense de Cassilândia. O rio Aporé é registrado nos mapas também como rio do Peixe. *Outras denominações:* Rio do Peixe. *Código no sistema conceptual:* 1.2.13.3.3

Dos microparadigmas que compõem esse segundo modelo de microestrutura, cinco são *obrigatórios* e dois são *facultativos*. Os obrigatórios, ou seja, os que aparecem em todos os verbetes são: *entrada*, *taxionomia*, *informações enciclopédicas* e o *código no sistema conceptual*. Já os microparadigmas facultativos são *etimologia* e *outras denominações*.

A *entrada* do verbete é constituída pelo sintagma toponímico, ou seja, a unidade lexical sobre a qual são fornecidas todas as informações do verbete. A entrada é grafada em negrito e com a primeira letra de cada lexema que compõe o sintagma toponímico em maiúscula, como podemos observar em *Rio Aporé*.

No microparadigma *taxionomia* é informada a classificação taxionômica do topônimo conforme o modelo de Dick (1992, p. 31-34). Indo ao encontro do proposto na ficha lexicográfico-toponímica de Dick (2004, p 130), inserimos a taxionomia logo após a entrada de cada verbete para resgatar seu hiperônimo, de modo a evidenciar a relação mantida entre eles, quando for apresentado junto ao sistema conceptual. Para essa opção também encontramos respaldo em Barros (2004, p. 122), quando a autora, ao explicar a organização de obras terminográficas, explica:

A organização das unidades terminológicas que compõem a nomenclatura de um vocabulário em um conjunto estruturado de termos permite a identificação precisa das relações conceptuais estabelecidas entre eles. A análise semântico-conceptual dessas unidades linguísticas permite igualmente a identificação da zona de intersecção semântica existente entre elas e dos traços específicos de cada um. (BARROS, 2004, p. 122)

Entendemos que, nos dados que utilizamos para esboçar os modelos de microestrutura, o traço específico e a intersecção semântica que ocorre entre os topônimos se dá pelas taxionomias. No exemplo, o topônimo Rio Aporé como figura na entrada do verbete faz parte da taxionomia *hidrotopônimos*.

A microestrutura possui também o microparadigma *etimologia*, que fornece dados sobre topônimos de origem indígena. Se atêm a informações relativas à língua a qual o nome pertence (tupi, guarani, bororo, guaicuru etc) e a tradução para a Língua Portuguesa. Para exemplificar esse microparadigma, apresentamos o verbete a seguir:

**Arroio Corá** *Tax.*: Ergotopônimo. *Etim.*: Do guarani *korá*, *cercado*, *arprisco*, *curral*, *divisa* (SAMPAIO, 1986, p. 91). *Informações enciclopédicas*: O Arroio Corá nasce na região central do município de Amambai e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do Córrego Ponteí. *Outras denominações*: - *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.2.3.1.

Como podemos observar, o microparadigma *etimologia*, que no verbete exemplificado aparece abreviado *Etim.*, contempla a informação sobre a origem da unidade léxica *corá* “do guarani *korá*”, seguida das unidades léxicas equivalentes em língua portuguesa “*cercado*, *arprisco*, *curral*, *divisa*”.

Para busca da etimologia, tomamos como parâmetro os dicionários Houaiss (2009), Ferreira (2004), Nascentes (1952 e 1955), Cunha (2007 e 1998), Tibiriçá (1985), Sampaio (1987), Sampaio (1986) e Guasch (1961), além dos glossários que integram as obras de Vasconcellos (1931), Sampaio (1928) e Cardoso (1961).

A etimologia é um microparadigma facultativo, pois a maioria dos topônimos pertence a Língua Portuguesa e estipulamos inseri-lo somente em verbetes cuja entrada é de origem indígena. É este o caso do verbete que segue:

**Baía Conceição** *Tax.*: Antropotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Baía Conceição localiza-se próxima do Arroio Conceição e da sede do município de Corumbá. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.2.1.1.

Como podemos observar, *Etim.* não foi preenchido no verbete acima em razão de a entrada pertencer a Língua Portuguesa. Mesmo que não seja preenchido com as informações, ele é mencionado no verbete seguido de um traço, assim como ocorre com o exemplo de *Baía da Conceição*, *Etim.*: -, indicando que a etimologia não consta nesse verbete.

O microparadigma *informações enciclopédicas* abriga informações de natureza extralinguística e é subdividido em *dados de natureza geográfica*, *histórico* e *contexto*. Desses, *histórico* e *contexto* são facultativos, mas os dados de natureza geográfica são obrigatórios em todos os verbetes.

Nos *dados de natureza geográfica* são registradas obrigatoriamente informações relativas ao elemento hidrográfico, extraídas por nós a partir da leitura dos mapas oficiais, tais como indicação da nascente e foz,

limites estabelecidos, afluentes, extensão. A respeito da consulta ao mapa, fundamental para o caso desta pesquisa, Dick (1999, p. 129) ressalta que

[...] interpretados, tradicionalmente, como uma representação simbólica dos contornos de uma paisagem física ou urbana, os mapas se caracterizam por permitirem também dois planos de interpretação: o verbal, expresso nos nomes dos elementos e em outras informações linguísticas, e o não-verbal, caracterizado, de preferência, por símbolos convencionais distintos, segundo a natureza do elemento (cursos de água, serras, estradas, ferrovias). (DICK, 1999, p. 129)

Nessa etapa da pesquisa, foram consultados sistematicamente as cartas topográficas municipais do IBGE pertencentes a todos os municípios do estado de Mato Grosso do Sul, escala 1:100.000.<sup>3</sup>

Ilustramos os dados de natureza geográfica por meio do verbete que segue:

**Arroio Curupaí** *Tax.*: Fitotopônimo. *Etim.*: Do tupi, *kurupa'y*, árvore semelhante ao ka'ahoví, da família das Acácias *astringens* Mart. É tintorial (que serve para tingir) (SAMPAIO, 1986, p. 96). *Informações enciclopédicas*: O Arroio Curupaí localiza-se na região sul do município de Naviraí e configura-se como um afluente intermitente de curta extensão da margem direita do Rio Laranjaí. *Outras denominações*: - *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.1.3.1.

Podemos perceber que, em *informações enciclopédicas*, estão presentes dados sobre a localização do elemento hidrográfico, tanto o município ao qual pertence, “Naviraí”, quanto sua posição geográfica “na região sul do município”. As informações sobre a localização estão presentes em todos os verbetes.

Também indicamos nesse microparadigma dados sobre a extensão do elemento geográfico, que pode ser curta ou longa, no caso do exemplo anterior “curta extensão”. Esse dado está presente nos verbetes cujas entradas são topônimos que denominam cursos de água que podem ser visualizados no mapa: arroio, cabeceira, cabo, canal, corixão, corixo, córrego, riacho, ribeirão, rio e sanga. Não inserimos a informação sobre

---

<sup>3</sup> Todos os mapas foram encontrados na página do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <[http://downloads.ibge.gov.br/downloads\\_geociencias.htm](http://downloads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm)>. Acesso em: 30 jul. 2011.

a extensão dos elementos *vazante* e *volta*, pois, embora sejam cursos de água, o primeiro tem curso temporário, surgindo somente no período das cheias do Pantanal, e o segundo configura-se como uma sinuosidade de um curso de água maior.

Aos elementos hidrográficos que se caracterizam por serem de água parada – como baía, lago, lagoa, represa –, ou por água em queda – como catarata, cachoeira e salto – também não inserimos a informação sobre a extensão, uma vez que o mapa não indica dados sobre suas dimensões.

Inserimos também a informação sobre a foz do curso de água, indicando onde este deságua: “afluente da margem direita do Rio Larajá”, no caso do exemplo citado, e, no qual, também podemos observar a informação “afluente intermitente”, indicando um dado que depreendemos do mapa e significa que parte do curso do elemento hidrográfico ocorre de forma subterrânea.

Em *informações enciclopédicas* acrescentamos ainda dados facultativos sobre o *histórico* do topônimo e seu *contexto*, quando possíveis de serem obtidos. O *histórico* traz informações sobre a motivação do nome e o *contexto* apresenta o trecho de uma obra regional em que o topônimo foi citado. A seguir exemplificamos o *contexto* por meio do verbete referente ao *Rio Apa*:

**Rio Apa** *Tax.*: Hidrotópônimo *Etim.*: Do tupi, *apa* é a forma adjetival que caracteriza aquilo que é desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). *Informações enciclopédicas*: “À margem esquerda do rio Paraguai, aproximadamente a cinquenta quilômetros a montante da barra do Rio Apa, a empresa Mate Laranjeira construiu um porto, que tomou o nome do grande cuiabano Joaquim Murтинho, por onde se fazia toda a exportação da erva colhida pelas comitivas da companhia. Foi assim que surgiu o nome do município de Porto Murтинho”. (FERREIRA NETO, 2004, p. 123). O Rio Apa nasce no oeste do município de Ponta Porã, segue com seu longo curso em direção ao sul de Bela Vista e estabelece o limite territorial do Brasil e Paraguai a partir de Bela Vista, Porto Murтинho e Caracol, quando deságua no rio Paraguai. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.1.3.1.

O que chamamos de *contexto* é o trecho que consta entre aspas e sublinhado no verbete do exemplo, seguido da referência bibliográfica



de onde foi retirado. A busca por essa informação é feita por meio da leitura de livros que retratem a região pesquisada.<sup>4</sup>

Inserimos a informação da referência para que o consulente, caso queira complementar suas informações, possa acessar diretamente a obra e a página citada.

O histórico, por sua vez, que também inserimos como parte do microparadigma *informações enciclopédicas*, consta como facultativo, pois é mais comum no tratamento de topônimos referentes a elementos humanos, como cidades, vilas, ruas etc. Recuperar a história do nome de um elemento geográfico é mais raro e dependeria de uma pesquisa com base em dados orais.

A variante ortográfica ou lexical do sintagma toponímico, quando identificada no mapa, foi registrada no item *Outras denominações*, como exemplificamos a seguir:

**Rio Inhanduí** *Tax.*: Zootopônimo *Etim.*: Do tupi, alteração de *nhandu-y*, rio das emas (TIBIRIÇA, 1985, p.19). *Informações enciclopédicas*: “Nas proximidades da cabeceira do rio Anhanduí, na área do município de Campo Grande, durante os trabalhos de levantamento arqueológico foi localizado um sítio lícito a céu aberto nas proximidades do córrego Rabicho, tributário do Anhanduí em seu alto curso” (MARTINS, 2003, p. 47). O Rio Inhanduí nasce em Campo Grande, próximo da sede do município e durante seu longo curso estabelece o limite territorial entre Campo Grande de Nova Alvorada do Sul e Sidrolândia; Ribas do Rio Pardo com Nova Andradina e Bataguassu. Sua foz é na margem direita do rio Pardo. Em alguns pontos de seu curso está registrado como rio Anhanduí. *Outras denominações*: Rio Anhanduí. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.1.2.19.

---

<sup>4</sup> As obras utilizadas como fonte de dados para o histórico e o contexto dos topônimos são dos seguintes autores: Almeida (2003); Alves (2003); Amarilha (1973); Báez (1980); Campestrini (2002); Campestrini e Guimarães (2002); Cattanio (1976); Cuchiaro e Paulichi (1994); Cunha (1992); Dutra (2011); Ferreira Neto (2004); Gressler; Vasconcelos (2005); Levorato (1999); Lopes (1984); Luz Filho (2004); Marinho; Martins (2007); Martin (2000); Martins (2003); Moreira (2006); Parra (2001); Passos (2011); Pedrosa (1986); Queiroz (1974); Revista do IBGE (1998); Rondon (1970); Santos (s/d); Silva e Almeida (2011); Souza (2003); Taunay (2005); Spengler (2007); Weingartner (2002).

No verbete que exemplificamos, o elemento hidrográfico é registrado pelo sintagma toponímico *Rio Inhanduí* e também *Rio Anhanduí*. Encontramos no mapa, ao longo do curso desse rio, os dois nomes, mas, como o sintagma toponímico *Rio Anhanduí* aparece em menor número de vezes, estipulamos que este figuraria como ‘outra denominação’ do elemento hidrográfico em questão, enquanto Rio Inhanduí constaria como entrada de um verbete principal.

Então, em *outras denominações* são colocados outros sintagmas toponímicos que denominam o mesmo elemento hidrográfico. Como critérios para escolher qual dos sintagmas toponímicos seriam colocados como *outra denominação*, estipulamos: os que constam menos vezes, os que aparecem depois do conectivo “ou”, por exemplo Córrego Limoeiro *ou* Jatobá e os que aparecem mais próximos da foz, todas essas características observadas exatamente como aparecem no mapa.

Os sintagmas toponímicos que incluímos como *outra denominação* são os que formam as entradas dos verbetes remissivos, como explicaremos no item a seguir.

Como último microparadigma desse modelo de microestrutura, propomos o *código no sistema conceptual*, que se refere à localização do sintagma toponímico no sistema conceptual que foi organizado. Sua função de direcionar o consulente ao nível em que se situa o topônimo no sistema.

No próximo tópico explicaremos nossa proposta de sistema de remissivas, apresentando inclusive o modelo de microestrutura de verbetes remissivos por nós adotado em nosso dicionário de topônimos.

### 3.3 O sistema de remissivas

O sistema de remissivas tem a função, segundo Barros (2004, p. 174), de

[...] resgatar as relações semântico-conceptuais existentes entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra lexicográfica ou terminográfica, corrigindo o isolamento das mensagens, ligando variantes, criando campos semânticos. (BARROS, 2004, p. 174)

Para o estabelecimento deste sistema, optamos por dois tipos de remissivas: *ver* e *código no sistema conceptual*. As duas são indicadas na microestrutura.

A remissiva apresentada na forma *Ver* é explícita e, segundo Barros (2004, p. 177), é comumente utilizada para indicar a presença de variantes. Por essa razão é que optamos por inseri-la como remissiva, uma vez que, em nossa nomenclatura, a única situação que se apresenta para a constituição de remissivas como complementação de informações é nas formas variantes dos sintagmas toponímicos encontradas nos mapas.

O sistema de remissivas utilizando *Ver* foi elaborado com entradas cujos verbetes remetem o consulente a outro verbete, com a informação completa. Por exemplo:

**Rio Betione** *Ver*: Rio Betiono.

**Rio Betiono** *Tax.*: Antropotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Rio Betiono nasce no sul do município de Bodoquena e configura-se como um afluente de longa extensão da margem esquerda do rio Miranda. *Outras denominações*: Rio Betione. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.2.3.1.

No exemplo citado, o topônimo *Rio Betiono* foi localizado no mapa acompanhado da denominação *Rio Betione* e, como podemos observar, o sistema de remissivas é estabelecido por meio da forma *Ver*, que indica a presença de uma variante.

O outro mecanismo de remissiva que aplicamos é o *código no sistema conceptual*. Essa remissiva tem a função de indicar ao consulente como está disposto o topônimo ou o termo no sistema conceptual. Por exemplo:

**Rio Branco** *Tax.*: Cromotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Rio Branco localiza-se na região norte do município de Porto Murtinho, nascendo próximo da serra da Bodoquena. Possui como afluente o córrego Santa Maria. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.1.5.1.

Observando o exemplo, quando o consulente localizar o número 1.2.13.1.5.1 no sistema conceptual, pode depreender que este indica que o sintagma toponímico *Rio Branco* possui, respectivamente, as seguintes características de classificação conforme cada número: 1: é um hidrônimo; 2: pertence à característica de classificação “Águas correntes”;<sup>5</sup> 13:

<sup>5</sup> Além da característica de classificação “Águas correntes” compõe o sistema as características “Águas lânticas” e “Águas em queda”.

denomina um elemento hidrográfico cujo designativo é o termo “Rio”; 1: pertence à categoria de natureza física; 5: pertence à taxionomia dos cromotopônimos e, por fim, o número 1, que indica o sintagma propriamente dito organizado em ordem alfabética.

Dessa forma, a indicação do código remete o leitor para o conjunto de entradas do dicionário, levando-o a encontrar a unidade toponímica ou terminológica inserida em um dos níveis de abstração do sistema conceptual de hidrônimos, evidenciando assim as relações que essa mantém com as demais unidades terminológicas ou sintagmas toponímicos do sistema.

Acreditamos que com esse sistema de remissivas, utilizando-nos dos mecanismos *Ver* e *Código no sistema conceptual*, o consulente conseguirá visualizar a presença das variantes e também entender as relações conceptuais que os sintagmas toponímicos mantêm entre si e com os termos que compõem o sistema conceptual de hidrônimos que propusemos.

O terceiro modelo de microestrutura que propomos contempla o verbete remissivo. Esse tem como entrada as variantes de topônimos encontradas nos mapas. Como critérios para determinar qual topônimo deve constituir a entrada do verbete remissivo, consideramos quatro aspectos observados no mapa: a) o topônimo que consta em segundo lugar na nomeação do elemento hidrográfico; b) o topônimo que consta mais próximo da foz do elemento hidrográfico; c) o topônimo que consta em menor número de vezes ao longo do curso; d) o topônimo que é localizado no mapa escrito de forma distinta do topônimo encontrado no banco de dados.

Em relação ao critério ‘a’, optamos por considerá-lo por encontrarmos no mapa vários elementos hidrográficos com duas nomeações sucessivas separadas pela conjunção “ou”. Entendemos que a nomeação principal seja a que está junto ao elemento hidrográfico: esse é o sintagma toponímico que constitui a entrada do dicionário e que a conjunção indica que a nomeação a seguir pode ser usada como segunda opção. Enquadram-se nesse critério topônimos como “Córrego Limoeiro ou Jatobá”, cujo verbete remissivo terá como entrada “Córrego Jatobá”. Desse modo, consideramos *Córrego Limoeiro* como o sintagma toponímico que deve constituir a entrada do verbete principal e *Córrego Jatobá* será a entrada do verbete remissivo.

Já a opção pelo critério ‘b’, ou seja, o topônimo que consta mais próximo da nascente do elemento hidrográfico, deu-se em decorrência de haver nos mapas alguns elementos hidrográficos nomeados com dois topônimos que variam na ortografia. Como acontece em “Córrego Piquirici/Piquiri”, que é nomeado como ‘Córrego Piquiri’ próximo de sua foz, por esse motivo figura com entrada do verbete remissivo, enquanto *Córrego Piquirici*, por estar registrado perto da nascente deste elemento hidrográfico, será entrada do verbete principal.

Para adoção do critério ‘c’, consideramos o fato de que no *corpus* há algumas ocorrências em que um topônimo é mais recorrente em um mesmo elemento geográfico. É o caso de *Rio Piquiri* e *Rio Itiquira*. *Rio Itiquira*, consta mais vezes no mapa que *Rio Piquiri*, de forma que só podemos supor que *Rio Itiquira* é o topônimo mais usado e por essa razão deve integrar o verbete principal, enquanto *Rio Piquiri* integra o remissivo. Isso também acontece com o sintagma toponímico *Rio Anhanduí*, que está registrado em menor número em relação à *Rio Inhanduí*, sendo que a primeira forma é aquela que constitui o verbete remissivo, conforme critério estabelecido acima, uma vez que, ‘Rio Anhanduí’ é registrado menos vezes que ‘Rio Inhanduí’ ao longo da extensão do curso de água.

O critério “d”, por sua vez, também leva em consideração os dados do mapa, mas agora em relação aos topônimos registrados no banco de dados do projeto ATEMS, pois, lá se encontram topônimos catalogados em mapas do IBGE impressos com escala de 1:250.000 e digitais com escala de 1:100.000 e, para esta pesquisa, trabalhamos com a consulta aos mapas digitais, de modo que há registros no banco de dados que constam de forma diferente nesses mapas. Assim, neste critério para formação de verbete remissivo, adotamos os elementos hidrográficos que têm registros diferentes. Por exemplo: no banco de dados encontramos um elemento geográfico denominado ‘Baía da Marreca’ no município de Corumbá e, no mapa do mesmo município, localizamos ‘Vazante da Marreca’.

Dessa forma, o sintagma toponímico que consta no banco de dados forma a entrada do verbete principal, enquanto o que localizamos no mapa forma o verbete remissivo. O mesmo acontece com Cabo do Retiro/Cabeceira do Retiro e Riozinho do Uval/Vazante do Uval. Optamos por colocar o sintagma que consta no mapa como entrada do verbete remissivo, levando em consideração um dos critérios adotados para a

constituição da macroestrutura, que estipula o primeiro topônimo de cada taxionomia do sistema conceptual, que, por sua vez, foi organizado tomando como base os sintagmas toponímicos referentes aos hidrônimos disponíveis no banco de dados do ATEMS.

Os microparadigmas que constituem o verbete remissivo são *Entrada* e *ver.*, conforme demonstramos nos verbete a seguir:

**Rio do Peixe.** *Ver.* Rio Aporé

**Corixo das Amoreiras.** *Ver.* Baía das Amoreiras

**Córrego Tamanduazinho.** *Ver.* Córrego Alegre.

**Rio Betione.** *Ver.* Rio Betiono.

**Cachoeira da Laje.** *Ver.* Cachoeira da Laje.

Teremos, então, um verbete remissivo constituído pelo microparadigma *Entrada* constituída pela variante em negrito e *ver.*, com a indicação para o verbete principal onde estão as informações completas sobre o sintagma toponímico. Destacamos que, em *corpus* toponímico, cujas fontes são mapas, a variação que ocorre, em grande parte, é relacionada à presença ou não de preposição, “de, da, do, dos, das”, como em Córrego Palmito/ do Palmito, Córrego Onça/da Onça, e à mudança de uma letra como Rio Inhanduí/Anhanduí, Lagoa Araré/Araré, Cachoeira da Laje/Laje.

#### 4. Considerações finais

Tivemos como objetivo principal deste trabalho apresentar uma proposta de três modelos de microestrutura para dicionário toponímico: dois principais, um para verbetes cujas entradas designam conceitos relativos a elementos hidrográficos e a conceitos-chave do conjunto terminológico tratado; outro para a constituição dos verbetes que têm como entradas os sintagmas toponímicos; outro modelo para verbete remissivo.

O primeiro modelo de microestrutura foi elaborado pensando em um consulente que, mesmo tendo conhecimentos de Geografia, não conheça o conceito relativo à determinados elementos e que, em nossa proposta, possa encontrar o que diferencia um rio de um ribeirão ou de um córrego e, além disso, possa explorar os conceitos regionais que são

atribuídos a alguns termos referentes a elementos hidrográficos, como corixo, baía e vazante.

O segundo modelo de microestrutura tem como entrada os sintagmas toponímicos e foi constituído para abrigar os dados linguísticos, como a taxionomia e a etimologia para nomes de base indígena e também abrigar as informações enciclopédicas do elemento hidrográfico designado, como sua localização, sua extensão, seus afluentes, sua representatividade para a região por onde passa, sua foz etc.

O verbete remissivo, por sua vez, tem como entradas as variantes ou sinônimos dos sintagmas toponímicos que são entradas dos verbetes principais. Com o sistema de remissivas proposto, que conta com os microparadigmas *Ver* e *Código no sistema conceptual*, objetivamos levar um possível público-alvo a tomar conhecimento das variantes toponímicas e a perceber as relações semântico-conceptuais que os sintagmas toponímicos e os termos que integram o sistema conceptual que comporia a macroestrutura estabelecem entre si.

A partir das propostas de modelos de microestrutura, concluímos que, no âmbito da pesquisa que culminou neste artigo, não poderíamos fragmentar o sintagma toponímico em ‘termo genérico’ e ‘termo específico’ (DICK, 1992), ou ‘termo’ e ‘nome próprio de lugar’, uma vez que acreditamos que é justamente por meio da associação dessas duas unidades léxicas que se tem um designativo de lugar. Sendo assim, optamos por manter o sintagma toponímico e não apenas o topônimo, tanto no sistema conceptual quanto figurando como entrada na nossa proposta de microestrutura.

Observamos também, após as análises sobre o perfil e a natureza das unidades léxicas que constituem os hidrônimos que serviram de corpus, e considerando as microestruturas que propomos, que a obra que venha a registrar dados toponímicos deve ser caracterizada como um dicionário enciclopédico. Essa caracterização se justifica pelo fato de figurarem nos verbetes tanto dados extralinguísticos (como as informações geográficas e históricas a respeito do elemento geográfico, que são informações inerentes aos estudos toponímicos) como informações linguísticas (como a categoria gramatical dos termos que designam os elementos hidrográficos, a etimologia para as unidades de origem indígena e a taxionomia dos topônimos). Por fim, esperamos que o proposto neste trabalho possa servir aos futuros trabalhos relacionados à dicionarização de dados toponímicos.

## Referências

- ALMEIDA, Valério de. *Campo Grande de outrora*. Campo Grande: Letra Livre, 2003.
- ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso do Sul: o universal e o singular*. Campo Grande: Editora Uniderp, 2003.
- AMARILHA, Tertuliano. *Flores dos prados matogrossenses*. São Paulo: [s.n.], 1973.
- BÁEZ, Renato. *Corumbá: Lembranças e tradições*. São Paulo: Editora Resenha Tributária, 1980.
- BARROS, Lidia Almeida. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Editora da USP, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário como norma na sociedade. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA, 1º, 1997. *Anais...* Recife: Editora Universitária UFPE, 1997. v. 1, p. 161-180.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Vocabulário básico de recursos naturais e meio ambiente*. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.
- BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. *Santana do Parnaíba (de 1700 a 2002)*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.
- CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.



CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia Brasilica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CATTANIO, Maria Bernadeth. *A dinâmica urbana e a estruturação espacial de Três Lagoas*. 1976. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras ‘Sagrado Coração de Jesus’, Bauru, 1976.

CUCHIARO, Galdino; PAULICHI, José. *Comendador Júlio Martins. Bandeirante do Brasil presente*. Chapadão do Sul: IBECM, 1994.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

CUNHA, Marlei. *Antonio Pires de Campos, Pai Pira: o Bandeirante*. Paranaíba: Gráfica Luan, 1988.

CUNHA, Marlei. *Costa Rica: história e genealogia*. Campo Grande: Fênix, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas; FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de casos. *Investigações Lingüísticas e Teoria Literária*, Recife, v. 9, p. 119-148, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. v. II, p. 121-130.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *O território Ofaié pelos caminhos da história*. Campo Grade: FCMS; Life Editora, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo: 2004.

- FERREIRANETO, João. *Raízes de Coxim*. Campo Grande: UFMS, 2004.
- GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello. *Mato Grosso do Sul: aspectos históricos e geográficos*. Dourados: L. Glessner, 2005.
- GUASCH, Antonio. *Diccionario castellano-guarani y guarani-castellano: sintáctico, fraseológico, ideológico*. Sevilla: Graficas La Gavidia, 1961.
- GUERRA, Antonio Teixeira; GUERRA, Antonio José Teixeira. *Novo dicionário geológico-geomorfológico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATO, Maria José Bocorny; *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LEVORATO, Adão Valdemir. *Três Lagoas: dama em preto e branco, 1918-1964*. Três Lagoas: Graf Set, 1999.
- LOPES, Aldo. *Chão temporão*. [S.l.]: [s.n.], 1984.
- LUZ FILHO, Gervasio dos Santos. *A fragmentação rural do município de Três Lagoas*. 2004. Monografia (Graduação) – UFMS, Três Lagoas, 2004.
- MARINHO, Marcelo; MARTINS, Júlio Alves. *Pouso Frio: as mais de 12 vidas de um avião pioneiro no cerrado brasileiro*. Campo Grande: UCDB, 2007.
- MARTIN, Jesus Hernandez. *A história de Três Lagoas*. São Paulo: Ed. do autor, 2000.
- MARTINS, Gilson Rodolfo. *Arqueologia do Planalto Maracaju-Campo Grande*. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande: UFMS, 2003.
- MOREIRA, Marco Antonio Leite. *As molduras vegetais do córrego da Onça – Três Lagoas/MS*. 2006. Monografia (Graduação) – UFMS, Três Lagoas, 2006.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; Acadêmica; São José; Livros de Portugal, 1952. Tomo II: Nomes próprios.

- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Acadêmica; São José; Livros de Portugal, 1955.
- NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. Araraquara: Ed. UNESP, 2000.
- PARRA, Maria Aparecida Teste. *Regiões bioclimáticas do estado de Mato Grosso do Sul*. 2001. Monografia (Graduação) - UNESP, Rio Claro, 2001.
- PASSOS, Messias Modesto dos. *A raia divisória*: São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul. São Paulo: Outras Expressões, 2011.
- PEDROSA, Ledir Marques. *Origem histórica e bravura dos Barbosas*: árvore genealógica e história. Campo Grande: [s.n.], 1986.
- QUEIROZ, Aldo de. *Com os pés na terra*. [S.1.]: Lellográfica, 1974.
- REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL-IBGE. Campo Grande, 1998.
- RONDON, Lucídio. *Geografia e história de Mato Grosso*. [S.1.: s.n.], 1970.
- SAMPAIO, Mário Arnaud. *Vocabulário guarani-português*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1987.
- SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.
- SANTOS, José de Oliveira. *Três caravanas às selvas brasileiras*. Jundiá: Literart, [s/d].
- SILVA, Edima Aranha; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida. *Territórios e territorialidades no Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Outras Expressões, 2011.
- SOUZA, Maria Aparecida de. *Estudo de caso da sub-bacia do ribeirão Campo Triste e a importância das sub-bacias hidrográficas para a preservação dos recursos hídricos*. 2003. Monografia (Graduação) – UFMS, Três Lagoas, 2003.

SPENGLER, Henrique de Melo. *Porto Murtinho: história e cultura*. Coxim: Editora dos Autores, 2007.

TAUNAY, Visconde de. *A retirada da Laguna*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi*. São Paulo: Traço Editora, 1985.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos. Onomatologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. v. III.

WEINGARTNER, Alisoete Ântonia dos Santos. *Movimento divisionista em Mato Grosso do Sul (1889-1930)*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.